

Seminário Nacional da Juventude Negra Petista
23 a 25 de janeiro de 1998 - Belo Horizonte
Oficina: Feminismo e participação da Mulher Negra

Coordenação: **Matilde Ribeiro ***

Objetivos:

Contribuir para reflexão sobre a condição da mulher negra e seus processos organizativos;

Resgatar os ideais do feminismo e seus pontos comuns e diferentes com as perspectivas das mulheres negras.

Apresentação do trabalho:

A reflexão sob forma de oficina foi proposta visando aproximar a produção teórica, cotidiano e posturas dos agentes envolvidos. Neste sentido para além dos debates entre os participantes, método comum nos espaços políticos, foram utilizadas técnicas que facilitadoras à participação e expressão, como: desenho, discussão em pequenos grupos, leitura.

O trabalho iniciou com uma apresentação através de um desenho expressando o que cada participante gosta, detesta, sonha; o exercício propiciou um maior conhecimento e aproximação. A segunda parte foi um trabalho em pequenos grupos resgatando momentos da vida de homens e mulheres: nossos avós; nossos pais; e, a nossa (em nosso tempo). Logo após foi feita uma reflexão, através de frases que refletem a produção dos ideais feministas e dos processos de organização das mulheres negras.

Resumo das discussões:

1 - Momentos da vida de homens e mulheres

Avós (aproximadamente 1900)

Mulher

Cuidava da casa e dos filhos

Católica e monogâmica

Dependente do marido

Mãe de muitos filhos

Trabalhava em casa e na lavoura

Homem

Lavrador ou trabalhador desqualificado

Autoritário e conservador

Ausente das relações familiares

Nem sempre monogâmico

Alcoolista

Pais (idade acima de 50 anos)

Mulher

Algumas com muitos filhos

Tem opinião mas não expressa

Começa a buscar sua libertação

Homem

Mantém a casa

Tem poder de decisão

Não é monogâmico

Casal conservador e rigoroso com os filhos

Nossa vida (idades variadas)

“Todas as mulheres são brancas, todos os negros são homens, mas muitas de nós somos valente”. (título de um livro norte-americano).

Frase 03:

“O movimento vem se construindo a partir do cruzamento das questões de gênero, raça e classe social. Deve ser autônomo, independente, composto por mulheres de diferentes setores (por exemplo, originais de movimentos como negro, sindical, popular, partidário). Deve estar articulado prioritariamente com o movimento negro e feminista, na medida em que estes incorporem e apoiem a luta de mulheres negras, mantendo sua especificidade”.

Frase 04:

“(…) o racismo constitui uma sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Neste sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos de violência sobre a mulher negra”.

²Frase 05:

“O feminismo é uma filosofia universal que considera a existência de uma opressão específica a todas as mulheres”.

Estas frases expressam diversas opiniões e momentos de reflexões teóricas e políticas. São pontos de partida para a discussão, pois há um vasto campo a ser explorado: a vivência entre brancos e negros, homens e mulheres; e, os debates teóricos envolvendo diversos atores, setores do movimento social e academia.

3 - *Formulações que embasaram a escolha da temática da oficina.*

Muitas críticas foram feitas pelas mulheres negras à sociedade e movimento social, em especial ao movimento feminista e negro, quanto a invisibilidade de sua ação política. A contestação mais direta é sobre a forma secundarizada com que o caráter de sua opressão e organização foi tratado.

² Smith, B. Hullg, Scott P.B. All the Women are White. All the blacks are mem, but some of us are brave. City University of New York Feminist Press, 1992.

3 Seminário Nacional de Mulheres Negras, I. Relatório Narrativo e Financeiro, São Paulo, 1993.

4 Gonzales, Lélia. Racismo e sexismo na cultura Brasileira. Rio de Janeiro. 1980

5 Telles, Maria Amélia de Almeida. Breve história do feminismo no Brasil, São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

6 Estas reflexões são fragmentos de um artigo de minha autoria ‘Antigas personagens; novas cenas: mulheres negras e participação política. Este artigo será publicado em breve pela Fundação Perseu Abramo.

7 Documento elaborado pelas mulheres negras no IV Encontro Feminista Latino-americano e do Caribe, San Bernado/Argentina, 1990.

8 Oliveira Fátima. Ribeiro Matilde e Silva, Nilza Iraci. A Mulher negra na década: a busca da autonomia. Caderno Geledés 5, São Paulo. 1995.

9 Azeredo, Sandra. Teorizando sobre gênero e Relações Raciais. Estudos Feministas, Rio de Janeiro, tomo 5, nº especial, p.203/16.1994

Mulher

Estuda e trabalha fora
Procura desenvolver seus ideais
Não tem a liberdade que necessita

Procura de relações menos conservadoras
Liberdade de escolher novos rumos para a vida
Busca de expressão dos sentimentos e desejos

Homem

Trabalha mas não mantém a casa sozinho
Está meio perdido com seu papel
Machista

Após a apresentação dos grupos ressaltou-se os seguintes aspectos:

O que queremos dizer com liberdade?

- Sem independência econômica e política não há como ser livre;
- A capacidade de fazer o que quer está dentro das pessoas;
- Poder expressar-se é um ato de liberdade;
- Na sociedade o sentido de liberdade não é mesma coisa para homens e mulheres, ricos e pobres, negros e brancos.

Comportamentos/Sexualidade

- Mulher = frágil X Homem = forte. Não dá para perpetuar esta lógica, nem um nem outro são apenas frágeis ou fortes;
- A vivência da sexualidade precisa ser objeto de estudos e debates na sociedade. Mantém-se a postura de maior permissividade para homens do que para mulheres. Por que as pessoas não podem ter a liberdade de orientar livremente sua sexualidade?

Mudanças de papéis de homens e mulheres

- Homem não pode colocar-se mais como dominador ou mantenedor da família;
- Mulher não quer mais submeter-se ao homem, embora viva contradições e constrangimentos;
- Os novos papéis de homens e mulheres merecem profundas reflexões;
- A mulher está mais disponível às mudanças que o homem;
- Ambos devem conscientizar-se que com a mudança de papel podem ser mais felizes.

2 - Reflexões através de frases de diversos autores:

¹Frase 01:

“Não se pode fazer reduções como ao trabalho forçado chamar de liberdade econômica, ao estupro institucionalizado chamar de sensibilidade e liberdade sexual da negra e/ou mulata”.

Frase 02:

¹ Giacomini. Sonia Maria. Mulher e escrava. Petrópolis: Vozes, 1998.

Verificou-se, seja através do discurso ou da produção teórica, que as mulheres negras aparecem como 'sujeitos implícitos'.

No movimento feminista as dificuldades de lidar com a diversidade existente entre as mulheres (por exemplo as diferenças: raciais, étnicas, condições sociais, orientação sexual, geração ou culturais) e mesmo de ter uma visão mais ampla dos processos organizativos, veio a reforçar a imagem da feminista como branca, de classe média, intelectualizada. Sendo assim, as questões raciais e étnicas, são vistas como responsabilidade das mulheres negras (9). No Brasil, ao longo das últimas décadas, foram realizados doze Encontros Nacionais Feministas (ENF) (10). Tem ocorrido mudanças quanto às participantes destes eventos, passam a ter interferência mais efetiva as mulheres dos movimentos sindical, popular e negro. Há controvérsias quanto ao crescimento e surgimento de novas atrizes, pois isto recoloca o debate entre ser ou não ser feminista, dos efeitos da popularização do feminismo, e, mesmo da incorporação das temáticas raciais e étnicas (11).

No movimento negro partiu-se da generalização entre os sexos, assim sendo, as mulheres negras durante longos anos não destacavam-se como interlocutoras políticas, da mesma forma que os homens. As mulheres negras sempre estiveram presentes neste movimento, porém suas questões específicas foram secundarizadas. Sem dúvida esta situação alterou-se muito nos últimos anos, devido as mulheres negras terem assumido posturas mais propositivas. Percebe-se que o no jogo de poder existente neste movimento, não muito diferente de outros, a participação das mulheres com evidência é 'negociada' a partir

de interesses e força política das mesmas. O que contribui para a quebra da lógica de que as lideranças são 'naturalmente' masculinas.

Com estas reflexões, as mulheres negras, não só contribuíram para a conquista de maior visibilidade como sujeitos políticos, perante os movimentos sociais (em especial o feminista e negro) e a sociedade, como trilham um caminho próprio através da construção do movimento autônomo. Desde 1988 - ano de realização do I Encontro Nacional de Mulheres Negras (ENMN) (12), estruturaram-se grupos e entidades de mulheres negras e Fóruns Estaduais de Mulheres Negras em quase todo o país. Em 1997, parte-se para a organização do III ENMN, que deverá ocorrer até o ano 2.000, com a perspectiva de sistematizar as ações, a partir da experiência acumulada, visando o próximo milênio.

Ao retomar este processo não podemos considerar os fatos a partir da somatória ou linearidade, devemos reafirmar o acúmulo de muitas formulações e diálogos. As mulheres negras buscam interlocução entre si e com a sociedade. Sabemos o quanto é difícil a mobilização e manutenção das estruturas locais dentro de um mesmo país, e, das estruturas nacionais e internacionais. Ressalta-se a importância das entidades, redes, fóruns específicos e da relação continuada com os demais movimentos. Uma das formas de tratamento deste mosaico de questões é a garantia de uma maior aproximação - como via de 'mão múltipla', entre a produção e formulação do Partido dos Trabalhadores; Movimento Negro; Movimento de Mulheres Negras; Movimento Feminista; entre outras.

São muitos os conflitos e embates travados pelas mulheres negras junto aos movimentos sociais tendo como eixo central um basta à invisibilidade. Todo este processo leva à quebra de mitos como o de que feminismo é coisa de mulher branca; questão racial é coisa de negro; e de que política é coisa de homem branco. Estas marcas presentes no imaginário social não fazem nenhum sentido quando nos debruçamos aprofundadamente sobre a análise dos processos políticos.

4 - *Ampliando os horizontes...*

Esta oficina teve como peculiaridade a presença de jovens; homens e mulheres; novos e antigos militantes. Embora o tempo tenha sido reduzido para a amplitude de questões apresentadas, considero que foi um importante 'pontapé'. Provocou em mim e nos participantes algumas reflexões que normalmente não aparecem como pontos importantes em nossos eventos. Sinto-me instigada a continuar a reflexão, uma vez que este relatório retrata o produto da oficina ainda em linhas muito gerais.

Matilde Ribeiro

Fev/1998